

## Poemas de Siscar são a sintaxe de um grito

*Prosa & Verso*, OGLOBO, 12/08/2006

Os 40 textos de *O roubo do silêncio*, de Marcos Siscar (7Letras, coleção Guizos, 2006), são mais uma prova veemente do vigor—e também da pluralidade—da poesia brasileira contemporânea. Uma poesia que, diga-se de passagem, não se limita ao já entediante eixo Rio-São Paulo, que ainda tende a centralizar de forma marcante a produção intelectual e artística nacional. Embora em intenso contato com poetas desses grandes centros (e alguns de seus poemas dialogam explicitamente com poemas de outros poetas contemporâneos), o também ensaísta e tradutor Marcos Siscar nasceu em Borborema e leciona literatura em São José do Rio Preto. Seu *O roubo do silêncio* recebeu o segundo lugar no Festival de Poesia de Goyaz deste ano. O primeiro lugar ficou com o pernambucano Heron Moura, também publicado pela coleção Guizos. Em ambos, como em inúmeros outros poetas pelo país afora que chegaram à maioria na década de 1980, uma poesia de alta voltagem.

Ao abrir a esmo *O roubo do silêncio* e ler alguns trechos dos poemas—que se apresentam em *prosa*—a primeira coisa que chama a atenção de um leitor sensível é o magistral uso da linguagem. Lê-se logo que se trata de *poesia* de alto quilate, de uma sofisticada criação literária. Mas que não haja engano: Marcos Siscar é muito mais que um “fabro”, um grande virtuose da linguagem. Sua poesia é reflexiva, humana, carregando em seu fluxo uma intensa carga de pensamento; ou, como escreve João Adolfo Hansen na orelha: “sua poesia é culta e teórica”.

Uma das teorizações centrais propostas por Siscar em *O roubo do silêncio* é a diferenciação entre “prosa” e “poesia”. “Modo de usar”, que pode ser entendido como uma *ars poetica*, diz: “O verso se torna a prosa da poesia quando se nutre da fidelidade à experiência ou da impessoalidade programada; do salvo conduto da isenção. (Vou lhe contar um segredo. Hoje em dia, é preciso coragem para escrever um verso sincero.)” A sinceridade, o dizer desde o coração, é poesia; mas isso nunca é simples. “Não há verso simples, apenas prosa subvertida”. Ou, como é dito em “Provisão poética para dias difíceis”, que fecha o volume: “Simplicidade é artifício recolhido, dobrado, alisado a ferro.”

A prosa é o mundo, o barulhento mundo em que vivemos, privado de sentido. Privado de sentido, portanto, o mundo é mudo, sem nome: silêncio. O poema isolado que abre o livro, “Prefácio sem fim”, lança os dados, situa o poeta, o manifestante, em nascimento inaugural: “Ando na contramão do coletivo sem nome, repentinamente em silêncio. Vejo um braço saindo da massa, vejo a cabeça, o tronco arrancado dificilmente do parto mudo. Eis o manifestante. Vai saindo do silêncio, ganhando traços, passos, têmporas.” [...] “A poesia começa quando ele começa a sair do silêncio, do transcorrer da prosa do mundo.” Quem nasce? Que nova poesia? Lê-se em “Prosa”: “Na superfície deste pântano, quando uma cabeça assoma fora d’água, não se sabe se é pato ou serpente. Quem tentará arrancá-la?” Em “Uirapuru”: “O desejo de ter nascido além é desejo de se dissolver, tornar-se outro, perder a razão”.

*O roubo do silêncio* é a sintaxe de um grito: “A poesia é a privação do silêncio quando algo tornou o silêncio insuportável, quando a experiência da matéria tornou-se obsessão da imagem, e as formas da pedra ou da madeira abandonam a rocha e o tronco, quase que espontaneamente.” Esse grito às

avessas, insuportável, é também violento. O grito inaugura uma história: “o silêncio se faz história” (em “Prefácio sem fim”); “A história é remorso ou ressentimento?” (em “Sentimento da violência”); “E nada além de uma prosa, limpa, prossegue” (“Depois da história”). O grito é também uma morte: no poema “O roubo do silêncio”, que dá título ao livro: “é preciso oferecer a vida antes da hora para merecê-la” [...] “A vida vai bem em prosa, quando a violência lhe rouba definitivamente a liberdade de corte”. [...] “Quando minha morte me é roubada, é o roubo que corre para dentro de mim.”

Esta apresentação de alguns fios condutores e proposições possíveis de serem encontrados no novo livro de Marcos Siscar nem de longe esgota a riqueza de seus temas e reflexões, e tem por objetivo, mais do que propor um (talvez equivocado) mapa de leitura de *O roubo do silêncio*, indicar a profundidade de seu pensamento e de suas mensagens e exemplificar sua intensidade poética. Como obra literária, *O roubo do silêncio* lembra o carrapicho—para citar um dos elementos do mundo natural e do dia-a-dia do homem interiorano caros ao poeta—que gruda no leitor e não solta, exigindo, num misto de prazer e desconforto, ser decifrado.

Renato Rezende é poeta, autor de *Passeio* (Record, 2001) e *Ímpar* (Lamparina, 2005), com o qual ganhou o Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional, 2005.